

"Desde que a imprensa nacional começou a vincular o nome de Ciro ao meu, vejam, o Ciro cresceu."

Fernando Collor de Mello, ex-presidente da República e candidato ao governo de Alagoas (PRTB), ontem em entrevista à TV Pajuçara, sobre as semelhanças entre ele e Ciro Gomes.

Eleições no país do futebol



O verdadeiro ápice futebolístico e eleitoral é bissexto. O espírito de técnicos futebolísticos e eleitorais dos 170 milhões brasileiros reaparece com a pontualidade de um cometa, a cada quatro anos. Eleições presidenciais e Copa do Mundo quando acontecem, viram obsessão de todos. São dos raros eventos da vida tupiniquim onde ricos e pobres são colocados em pé de igualdade. Mais do que socialmente democráticos, os resultados obtidos por mais inesperados que sejam, são gravados na história da nação. E como diz, o ditado popular, futebol (eleição) é uma caixinha de surpresas. Durante a copa e os pleitos, o inesperado e o transitório se tornam permanentes. Copa e eleições são os nossos derradeiros "reality shows".

Estamos agora na fase em que a nação de técnicos de futebol sintoniza suas atenções nos debates dos candidatos presidenciais na TV. Os brasileiros, e neste caso também as brasileiras, se transformam, por dever de ofício, em analistas políticos. Intuitivamente, acreditava-se que o sucesso na copa poderia favorecer o candidato oficial. A primeira surpresa pós-Penta é que

apesar das semelhanças palmeirenses e de estilo entre Scolari e Serra, o sucesso do primeiro ainda não se refletiu nas intenções de voto do segundo. Embora, justiça seja feita, Felipão apenas disse ao que veio na hora-certa, a da Copa. A segunda nova é que a tese do quanto pior a economia, melhor para o candidato oficial, que explica a vitória de Fernando Henrique no primeiro turno de 1998, parece não fazer efeito agora. Isto apesar dos mercados financeiros nos avisarem em tempo real sobre os riscos de mudanças na economia.

Já Lula poderia ser uma espécie de Bambam, o vencedor do primeiro programa Big Brother, que de tanto entrar em disputas apertadas ganhou a simpatia e a intimidade dos telespectadores. Lula se tornou um profissional dos pleitos presidenciais. Na medida que a chegada de Lula ao segundo turno é certa, a questão é: o que será então de Lula? Um Bambam cuja persistência na adversidade leva ao triunfo final ou um São Caetano, time do ABC paulista, que ganha com mérito quase todas batalhas mas perde sistematicamente a guerra na final?

Já o sucesso recente de Ciro, talvez seja explicado por conseguir passar ao eleitor a segurança e o preparo de quem foi governo na época do boom do Real associados ao carisma e discurso de quem é oposição. Neste sentido Ciro seria uma mistura de Serra e Lula em proporções ideais (Sela?). Embora seus críticos, que vêem fortes semelhan-

ças com Collor, achariam Sella um apelido mais adequado a Ciro.

Voltando às analogias futebolísticas, Ciro tenta, como Felipão, que já declarou a ele seu voto, combinar em seu discurso político, a capacidade defensiva da seleção de 1994 ao poder ofensivo e a criatividade da seleção de 1982, época quando "Fora FMI" era a ordem do dia e o PT calçava as suas primeiras chuteiras. O que os críticos de Ciro tentam é apontar falhas comparáveis àquelas presentes na medíocre seleção de 1990. O próximo jogo da seleção comandado por Felipão no Ceará, terra de Ciro, será um bom laboratório sobre as relações entre futebol e eleição.

Na perspectiva dos candidatos, o fundamental é chegar ao segundo turno, que como dizem os especialistas é uma nova eleição. Mal comparando, o segundo turno está para a Copa do Mundo assim como o primeiro turno está para as eliminatórias. Enquanto mesmo para nós brasileiros, que abominamos o status de vice-campeões, uma suada classificação nas eliminatórias pode ser a chave do sucesso futuro. Já na etapa final só o título interessa. Noutras palavras, eliminatória é eliminatória e Copa é Copa. Os argentinos que o digam.

Analisamos os dados do TSE relativos as eleições municipais de 2000 como indicadores da eleição de 2002. Tudo bem, pode-se argumentar que as eleições municipais não possuem a mesma conotação ou im-

portância das majoritárias, constituindo uma espécie de Copa América do calendário eleitoral. Mas nenhuma pesquisa eleitoral consegue replicar com perfeição o apertar de botões da urna. Optamos aqui por analisar os resultados do primeiro turno das eleições de 2000 por cobrirem a totalidade do país, e não o segundo turno, que cobre apenas os municípios com mais de 200 mil habitantes cujo candidato a prefeito não conseguiu maioria absoluta. A frente PSDB/PMDB de Serra de hoje teve 27,4% dos votos, contra 18,5% da de Lula (PT/PL/PMN/PcdoB/PCB) e 18,8% da de Ciro

Ciro associa a segurança de Serra ao carisma oposicionista de Lula — "Sela". Já seus críticos prefeririam "Sella"!

(PPS/PTB/PDT). Restariam 37% dos votos dados aos demais partidos onde o PFL (12,9%) e o PPB (8,2%) corresponderiam hoje ao status de fiel da balança.

Numa entrevista de Cesar Jacob a Vera Barroso publicada na última revista Conjuntura Econômica do IBRE/FGV, encontramos questionamentos acerca da representatividade da cobertura das pesquisas eleitorais em cidades menores. Conforme argumentei aqui em 9/7 no artigo "A nova crise metropolitana", a composição espacial das mudanças

das condições sociais são similares àquelas que precederam o pleito municipal de 2000. O ônus da crise das grandes cidades vai diminuindo paulatinamente até chegar a um bônus dos novos programas das áreas rurais. A atual frente de Lula ganharia nas capitais metropolitanas de 29% contra 17% de Serra e 13% de Ciro. Este desempenho seria gradualmente revertido a medida que caminhamos em direção a municípios menores. Por exemplo, nas cidades pequenas (entre 20 e 50 mil habitantes) Serra vira o jogo 37% contra 17% de Ciro e 10% de Lula, desempenho similar ao das áreas rurais e cidades médias. Neste sentido os números metropolitanos de Serra e de Ciro subestimam a performance nos grotões de miséria.

A antecipação da discussão eleitoral ocorrida este ano, aí incluindo o exercício acima, me faz lembrar daquela anedota em que um sujeito com insegurança sobre sua performance sexual pede ao amigo médico, um remédio para turbinar seu encontro com a nova namorada. À noite, o médico liga para o amigo e pergunta e aí como foi? Resposta: "Um sucesso, já tive três orgasmos! O único problema é que a minha namorada ainda não chegou!"

Marcelo Cortes Neri, Ph.D. em economia por Princeton, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às terças-feiras. E-mail: mcneri@fgv.br